

Sombras de Liberdade

Romance

Geraldo Rodrigues Pereira

Sombras de Liberdade

Copyright © 2004 by Geraldo Rodrigues Pereira

Capa e projeto gráfico: Aline Vecchi

*Para Lander, minha mulher.
Por tudo que vivemos até aqui.*

Ele foi passando, e, ainda que tivesse evitado se manifestar de maneira clara, ficou na menina a nítida impressão de tê-lo ouvido dizer, meio que rosnando, “um dia você haverá de ser minha”.

Prólogo

Era madrugada e tudo parecia dormir com o acalento dos ruídos noturnos. A tênue claridade do luar apenas deixava entrever o vulto das edificações que constituíam a sede da fazenda Soledade. A casa grande, envolta na penumbra, perdia sua imponência senhorial. Erguida em dois pavimentos, sua extensa face projetava-se para o poente. O andar superior ostentava amplas janelas de arcos envidraçados. No térreo, a varanda de balaustrada em madeira finamente entalhada estendia-se por toda a fachada principal. Apenas as paredes, sempre conservadas com a brancura da cal, revelavam-se na pouca luz noturna. Nos fundos da sede começava o imenso cafezal, que seguia as dobras das colinas até confundir-se, na distância, com o negrume do firmamento. Na entrada da fazenda ficava o pátio de amplas dimensões, onde os grãos de café eram espalhados para secagem ao sol. Ao lado da casa grande havia uma capela, mandada construir pelo proprietário, João Martins, quando do nascimento de sua filha Cecília, num gesto de gratidão a Deus por ter permitido que o ventre amblótico de sua esposa Isaltina lhe gerasse enfim um herdeiro. No limite do terreiro ficavam a casa do capataz, o celeiro, a estrebaria e, mais adiante, já próximo ao riacho, a senzala, formada por duas construções toscas e de boa extensão; uma, composta de vários compartimentos, era reservada aos escravos que constituíssem família; a outra, um grande cômodo, sem divisões, era destinada aos escravos solteiros, que, naquele instante, dormiam o profundo sono da exaustão. Seus corpos perfilados, protegidos do chão por delgadas esteiras, constituíam uma massa negra e uniforme de músculos, ossos, cansaço, dor... e sonhos.

Entre os jovens negros, somente Damião mantinha-se acordado, ruminando seus pensamentos, readquirindo forças e sedimentando a coragem para iniciar seu plano. Um facho do luar transpassava uma fresta no telhado e incidia sobre seu rosto, realçando o branco de seus agitados olhos. Damião movia-os de um lado ao outro; ora perlustrando o ambiente, ora mirando o vão da porta, ponto de partida para a busca de sua liberdade.

O negro manteve-se tanto tempo nessa atitude que não saberia precisar o quanto a madrugada já avançara. Mas bastou ouvir o distante cantar de um galo para decidir que não esperaria mais. Sorrateiro, Damião foi se esgueirando entre os corpos sonolentos de seus companheiros até alcançar o vão da porta. Antes de passar para o terreiro e precipitar-se em fuga, percebeu que um par de olhos o observava sobressaltado. Damião conteve num instante o ímpeto de evadir-se, indo investigar o companheiro. Chegou o rosto bem próximo ao dele e logo reconheceu o negro, que se lhe revelava temeroso. Sussurrou-lhe então ao ouvido, tentando encorajá-lo a compartilhar consigo o caminho da liberdade.

— Juca... vem comigo!

O companheiro deixou escapar um breve tremor. O olhar aflitivo e a cabeça vacilante negavam-lhe. Damião insistiu, num tom quase implorativo.

— Vem comigo, Juca... Vamo daqui logo!

— Num posso, Damião. Temo o castigo. Ele inté ameaçô nós de morte... Vá só, se tu qué, Damião.

Damião contemplou por instantes a face amedrontada do companheiro. Depois espreitou à sua volta, detendo o olhar em seus irmãos de raça que dormiam mortificados. Viu nesse quadro a própria imagem da desolação e decidiu não mais compartilhar desse sofrimento. Ele mirou, através da moldura da porta, o terreiro deserto que lhe sugeria o livre caminho para a tão sonhada liberdade. Então o negro deixou a senzala como um naufrago que despreza o apoio de um objeto flutuante para nadar em busca de terra firme. Juca manteve os olhos fixos no companheiro até que seu vulto se dissolvesse entre as escuras fileiras do cafezal.



I

As primeiras luzes do amanhecer restituíram ao cafezal sua imensidade e viço, até então dissimulados pela precária luz noturna. A movimentação dos negros na senzala indicava o despertar na fazenda Soledade. Os afazeres da casa grande eram confiados à negra Narcisa. A principal criada da fazenda já andava pelo fim da meia-idade, mas ainda se mostrava despachada e zelosa com suas tarefas, sempre se antecipando aos outros serviçais da casa e procurando deixar tudo em ordem para quando o senhor e a senhá já estivessem de pé. Sua avantajada estatura, que lhe conferia um aspecto pesadão, contrastava com seu jeito manso, de voz pausada e um tanto esganiçada, características que melhor combinavam com uma pessoa de frágil aparência. À hora em que os negros se punham a caminho da plantação, Narcisa já se encontrava nos fundos da casa alimentando as criações domésticas, assistindo embevecida às aves afoitas na disputa de cada grão de milho que ela lançava ao solo. Súbito a negra interrompeu o serviço, atraída pelos brados de um negrinho que vinha correndo em sua direção. Na sua pueril ingenuidade e desejoso de ser o primeiro a trazer a notícia para a ama negra, o menino nem percebeu a aproximação do capataz Álvaro.

— Damião fugiu, ama Narcisa.... Damião fugiu...

Narcisa, pressentindo a inevitável desdita que o exaltado gesto do menino causaria, correu para ele, tapando-lhe a boca, contendo-lhe os gritos.

— Já ouvi tudo, sua negra...





Narcisa agarrou-se ao menino, sobressaltada diante da figura severa do capataz.

— Pode soltar o moleque...

Num gesto reflexo, Narcisa soltou o menino, que, mesmo livre de suas mãos, permaneceu estático. O capataz deu dois passos bem marcados na direção deles.

— Então aquele negro fugiu!? É isso!

Álvaro bateu raivosamente o seu chicote contra o solo, o que fez produzir um estalido seco, vazando o silêncio da manhã. Ele completou sua encenação com um ameaçador desabafo.

— Traidor, desgraçado!

O capataz saiu em direção ao terreiro, a passos firmes e propositivamente ruidosos, dando ordens enérgicas aos seus subalternos.

— Quero todos os negros no meio do terreiro o mais depressa possível — grita na direção do cafezal. — Juvêncio! Firmo!... Tragam esses negros de volta. Vejam depois os que ainda estão na senzala. Quero todos aqui, agora!

Em pouco tempo o terreiro da fazenda foi ocupado pelos escravos. A maior parte se fez retornar das plantações. Alguns foram trazidos das senzalas, juntamente com as mulheres e suas crianças.

O fazendeiro e sua esposa despertaram com toda aquela movimentação no terreiro. Ele mudou de roupa apressadamente e deixou os aposentos, sem esperar pela mulher, que demoraria mais no seu natural zelo feminino. João Martins certificou-se das horas na pêndula da sala e concluiu que ambos dormiram além da conta. Da varanda mesmo, estimou o que estava sucedendo no terreiro: os negros perfilados diante da capatazia era um claro indício de que algum acontecimento drástico se dera em sua propriedade. Ele desceu célere os poucos degraus que suspendiam a varanda do nível do terreiro, a fisionomia apreensiva, antecipando seu aborrecimento pela certeza da desagradável notícia que o capataz haveria de lhe trazer.

— Ocorreu uma fuga, senhor. Mas de apenas um — diz Álvaro, apressando-se em tranquilizar o patrão, o que de certo modo surtiu o efeito desejado.

— Esperava coisa pior. Uma desavença entre eles, com morte até.

João Martins o inquiriu com o semblante mais aliviado e pontuou com certa brandura o tom de sua voz.

— E quem foi esse um, senhor Álvaro?

— Foi o negro Damião, senhor — pronunciou com hesitação o nome do fugitivo, para em seguida menosprezá-lo. — Aquele negro preguiçoso já não andava querendo nada mesmo com o trabalho.





O desprezo do capataz ao se referir ao escravo não evitou a reação de desagrado do fazendeiro, que em seguida falou mais para si, visivelmente contrafeito.

— Damião! Logo ele... aquele menino que vi nascer e foi criado aqui neste terreiro... É com esse gesto que ele paga a consideração que tive por ele e por seus pais! — persignou-se, mirando de esguelha os céus. — Que o bom Deus os tenha.

— Não se preocupe, senhor João. Providenciarei uma tropa que logo, logo estará no seu encalço. Não tarda e aquele negro vai estar aqui no terreiro recebendo o merecido castigo.

João Martins ignorou o plano que o capataz apressou em lhe expor para a captura do escravo. Deu ordens para que seus homens dispensassem a conferição dos negros e retornassem com eles o mais rápido possível ao cafezal. Não queria o serviço paralisado por causa daquele negro; pelo contrário, precisava deles mais tempo na lavoura para compensar a falta de braços em sua propriedade. Aliás, circunstância que se tornava motivo de grande preocupação entre todos os agricultores do termo de Vila dos Prados. Lembrou-se que justo nesse dia trataria do assunto com o comerciante Viriato Tavares. O fazendeiro retornou ao interior da casa, deixando à vontade do capataz Álvaro a decisão quanto aos procedimentos de captura do negro Damião. À sua saída, a capatazia já se movimentava com os negros em direção ao cafezal.

A atitude do negro trouxe para a fazenda Soledade uma espécie de maldição, que há muito era restrita somente às outras propriedades, onde os escravos, sistematicamente submetidos a condições subumanas, viam-se impelidos a constantes fugas. Já nas terras de João Martins, homem que de certo modo era considerado um patrão complacente, os escravos recebiam um tratamento mais ameno, permitindo-lhes certas regalias que jamais seriam admitidas por outros fazendeiros. Castigo imposto aos negros na fazenda Soledade não se constituía em rotina, apesar das constantes ameaças do capataz Álvaro de penalizá-los por qualquer deslize cometido. Somente em caso de falta muito grave é que se admitia um escravo no pelourinho da fazenda recebendo chibatadas. Diziam os negros da fazenda, como se pretendessem fazer um elogio ao senhor João Martins, que os açoites aplicados em lombo de negro ali naquele terreiro de secar grãos de café podiam ser contados nos dedos da mão. Esperava-se, no entanto, que a partir do episódio da fuga de Damião todos os negros passassem a viver num clima de apreensão e expectativa. Era previsível que a capatazia recrudescesse sua vigilância sobre os negros e até lhes cortasse alguns privilégios. Quanto ao proprietário da fazenda Soledade, temia-se que ele adotasse, a partir de





então, uma postura idêntica à dos outros fazendeiros, que sempre consideraram seus escravos como seres inferiores, desprovidos das virtudes mais elevadas, inclinados tão somente para o esforço físico e merecedores do justo castigo quando se aventurassem ao menor deslize de comportamento ou servidão. Divididos entre apoiar ou reprovar o intempestivo gesto de Damião, os escravos aguardavam intranquilos quais seriam as atitudes do patrão dali em diante.

Ainda pela manhã, uma tropa foi organizada às pressas e partiu ao encalço do negro evadido. Sua captura era dada como certa, à vista da previsibilidade de seu destino: um inoportuno quilombo que ganhava corpo no alto da serra. “Será uma questão de tempo, meu patrão.” Foi o capataz Álvaro à casa grande tranquilizar o fazendeiro, informando-o das providências já postas em curso. O fazendeiro o dispensou em seguida sem ter feito objeções, mantinha-se num incógnito silêncio a respeito da fuga daquele escravo. Seu pensamento estava voltado para as notícias recém-chegadas da Corte, dando conta da definitiva aprovação da Lei Eusébio de Queirós no Parlamento. Não havia dúvidas de que agora o governo imperial estava decidido a pôr um fim na prática do tráfico negreiro no Brasil, “sobretudo cedendo às pressões externas”, lembrou das palavras do deputado Alberico Lopes, um correligionário dos agricultores de Vila dos Prados, quando de sua última visita àquele reduto. Então contou aos fazendeiros dos acalorados debates – ou mesmo embates – travados entre abolicionistas e escravistas em torno da aprovação da lei antitráfico; também os alertou dos riscos que haveriam de enfrentar se continuassem os negócios do contrabando de escravos em suas terras. Contudo, deu-lhes um alento, garantindo usar sua influência junto às autoridades da Corte para que seu reduto ficasse livre das sanções da nova lei.

Quando veio a tarde, o comerciante Viriato Tavares apeou de seu cavalo no terreiro da fazenda Soledade. João Martins já o esperava diante da escada. O visitante entregou as rédeas do animal a um criado, que prontamente o levou para a sombra e a água frescas da estrebaria. Antes de subir os degraus da varanda, o comerciante passou as vistas pela infinita massa verdejante do cafezal; uma imagem que sempre o impressionava, sobretudo naquela hora, quando tudo resplandecia sob a intensa luz do sol. E o elogio veio antecipando aos cumprimentos.

— Beleza de plantação! Vai ter a sua melhor safra, senhor João!

O fazendeiro limitou sua resposta a um disfarçado sorriso, sem desfazer de todo o seu aspecto aborrecido. Em seguida ao aperto de mãos, o fazendeiro esboçou um gesto sugerindo ao comerciante que tomasse assento numa das espreguiçadeiras perfiladas ao longo da varanda. Antes de aceitar o convite, Viriato o inquiriu sobre o que o





aborrecia. João Martins foi lacônico. O assunto ainda o mantinha assaz agastado. Viriato permaneceu um tempo calado, surpreendido pela notícia. Depois evitou em suas palavras o esperado tom de revolta.

— Lamento que isso tenha ocorrido justo em sua propriedade, senhor João. Leve-se em conta se tratar de um negro de sua estima. Tenho fé que os capitães do mato o trarão de volta logo. Depois, com um bom castigo, ele não dará mais esse mau exemplo aos outros escravos.

João Martins assentiu silencioso. Viriato dispensou o convite para se sentar na espreguiçadeira, preferindo debruçar-se sobre o peitoril da varanda. O fazendeiro o acompanhou no gesto. Diante deles, o amplo terreiro reverberava o calor do sol forte. Após breve pausa, Viriato retomou a conversa.

— Fatos como o ocorrido nesta manhã em sua fazenda nos impele a tomarmos medidas enérgicas contra a ousadia dessa negrada. Nestas sucessões de fugas, há de chegar o dia em que teremos mais negros soltos nas matas que braços produzindo em nossas terras — Viriato ergueu o corpo, mantendo as mãos repousadas sobre o parapeito. — Há um certo abuso nestas fugas. É corrente o comentário entre os escravos que o tal quilombo assentado lá pelas bandas da serra já adquire o vulto de um povoado...

João Martins ouvia o comerciante com os olhos afundados na distância, para além dos limites de suas terras. Talvez tentasse alcançar o negro Damião em fuga, ou então buscasse entender o porquê de seu gesto ousado. Sentia dificuldade em conceber a atitude de seu escravo. “A primeira fuga que enfrento em minha propriedade depois de muitos anos.” Esta frase golpeava-lhe os sentidos, provocando-lhe intenso mal-estar. “Uma traição”, insistia o fazendeiro em sua íntima avaliação, um tanto indignado. Damião era um negro considerado como cria da casa grande. Filho do melhor casal de escravos de que João Martins fora proprietário. Teve o privilégio de nascer no mesmo dia em que dona Isaltina dava à luz Cecília, o fruto único a vingar em seu ventre — sempre que se lembrava disso agradecia a Deus pela graça alcançada. Foi o dia mais festejado na fazenda Soledade. Na casa grande e na senzala, o regozijo era comungado pela chegada simultânea daquelas duas criaturinhas, tão díspares em suas condições, que somente a sorte dessa feliz coincidência permitiu ao negrinho Damião um convívio mais íntimo com a branca sinhazinha. Cresceram soltos no terreiro; nas brincadeiras pueris, sob os olhares embevecidos e imunes de preconceitos dos patrões. Ainda na infância foi posto a aprender as primeiras letras junto com a menina Cecília. Ali, o negrinho já se mostrava um tanto arredio às lições do bê-á-bá e manifestava uma certa rebeldia para se enquadrar na rígida disciplina que a senhora Anaíde, preceptora de Cecília, fazia





extensiva a ele. E não tardou para que o menino ficasse livre da cartilha dos brancos e privado da companhia da sinhazinha. Ainda molecote, Damião foi misturado aos escravos da senzala, e Cecília mandada para prosseguir os estudos no internato de uma irmandade na capital da província.

“Um gesto imperdoável, uma falta de consideração por tudo que fiz por ele e por seus pais. Foi mesmo um desrespeito à memória deles!” Concluía João Martins, até ali absorto em seus pensamentos, distanciando das palavras do comerciante.

— O que temos a fazer — prosseguia Viriato, convicto de que o amigo acompanhava todo o seu raciocínio — é organizarmos uma tropa de capitães do mato, mandá-la subir a serra e destruir aquele ajuntamento de negros. Acabar com a folga daqueles aquilombados. O que acha da ideia, senhor João? — O comerciante conclui perquiridor.

O fazendeiro ergueu o corpo e num gesto circunspeto meneou a cabeça afirmativamente, numa espécie de instintivo endosso ao plano engendrado por seu interlocutor.

Esgotadas as argumentações no lacônico gesto do amigo, o comerciante levou então a conversa para o plano que mais lhe interessava.

— A criação de uma tropa se justifica se levarmos em conta que um escravo está nos custando os olhos da cara ultimamente. Por isso, não podemos mais tolerar essas fugas. Sou obrigado a repassar aos senhores o alto preço que venho pagando aos traficantes por cada boçal que chega ao meu depósito.

João Martins dissipou o negro Damião de seu pensamento e passou a considerar melhor a questão dos boçais aventada pelo comerciante.

— Esse é um assunto que muito me preocupa, senhor Viriato. Penso na aquisição de uma nova leva de boçais, pois em breve devo iniciar a colheita do café e me faltam braços para essa empresa. Sei de antemão que desembolsarei uma boa quantia para ter novos escravos produzindo em minha fazenda. O alto preço dos escravos que se pratica atualmente desencoraja a todos.

— Até entendo a sua preocupação, pois bem sei que já estamos pagando o preço da insensatez dessa tal Lei Eusébio de Queirós. Lembremos o que disse o deputado Alberico, dando conta das ações antecipadas da Guarda Costeira, que anda empenhada no cumprimento da nova lei. Essa prematura disposição da nossa armada em reprimir o tráfico tem intimidado os tradicionais importadores. O que resta agora é um pequeno tráfico feito por gente aventureira, que bota o preço lá nas alturas quando consegue burlar a vigilância e desembarcar alguns negros na costa da nossa província.





Os argumentos nada alentadores do comerciante tiveram o efeito de um peso insustentável que o fazendeiro recebia nas costas. Num ato contínuo, ele procurou se sentar numa das espreguiçadeiras. Viriato manteve-se de pé e girou o corpo para o fazendeiro. Empreenderia um tom mais otimista à conversa para animá-lo.

— Mas não tome essas circunstâncias como outra apoquentação para a colheita do seu café. Lembro ao amigo que estou aguardando uma partida de boçais por esses dias. Tenho notícias de que um negreiro trazendo um bom carregamento com novos boçais contrabandeados da costa africana conseguiu desembarcar sua carga em Barra das Ostras. Já mandei gente minha cuidar do negócio. Com sorte conseguiremos umas boas peças.

João Martins mostrou-se cético quanto à possibilidade de se fechar um bom negócio com relação ao novo contrabando. Em sua íntima avaliação, esperava que o preço de cada negro que chegasse vivo ao depósito do comerciante seria repassado aos fazendeiros com um ágio exorbitante.

Viriato, dando ares de ter adivinhado o pensamento do fazendeiro, assentiu com um breve balançar de cabeça, enquanto buscava se justificar.

— Imagino que essa nova leva de negros não chegará por uma bagatela em meu depósito. São as dificuldades que estão sendo criadas para o tráfico, senhor João. Não ganho mais nem meia pataca em cada transação que faço. É negócio de pura consideração. Não tenho tirado lucro com esse comércio. Mantenho-me nele pelo apreço, pela estima aos agricultores de Vila dos Prados — antes de concluir, corre as vistas pelo cenário da fazenda —, termo que vi surgir do nada, e hoje luto por sua prosperidade — volta-se para o fazendeiro produzindo uma emoção que pareceu estudada. — Hoje, como o senhor bem sabe, assento o meu negócio no comércio do café. É o que tem me permitido alguma compensação. De resto, procuro apenas dar a minha melhor colaboração para a boa empresa dos senhores. Afinal, a minha sobrevivência depende também das colheitas em suas terras. Vem daí o meu empenho em estar sempre buscando novos braços para movimentar essas lavouras. Corro o risco que for preciso. Passarei por cima dos desígnios dessa absurda lei antitráfico quantas vezes puder — Viriato conclui sua prolação vaticinando indignado. — Está longe o dia em que nossa agricultura não precisará mais da mão de obra escrava. Deveríamos pegar esses abolicionistas que ficam por aí passando a mão na carapinha desses negros e botá-los todos a trabalhar em seus lugares nas lavouras.

João Martins fez um gesto com a mão, como se refutasse a observação irada do comerciante.





— Se aqueles janotas botarem as mãos em nossas terras, aí sim é que iremos à falência. Só trabalham com suas línguas, berrando direitos dos negros — dá esse assunto por encerrado e modifica o tom de voz. — Reconhecemos a imensa dívida moral que temos com o senhor e pagaremos com a prosperidade de nossa região, com o alastramento do café por esses altos da província. E, quanto ao débito pecuniário que possuímos em sua caderneta, se o bom Deus não nos faltar, pagaremos com a próxima colheita.

— Bem lembrado, senhor João. Mas, de antemão, faço questão de salientar que a minha visita a sua propriedade não está sendo em missão de cobrança. Eu bem compreendo as dificuldades que os fazendeiros vêm enfrentando para pôr a colheita em boa marcha. Aguardo melhores dias para negociarmos essas dívidas. Quero deixar isso bem entendido...

— Isso nos tranquiliza, senhor Viriato. Já conversei com outros fazendeiros e até o final desta colheita saldaremos os nossos débitos.

— É a forma justa, meu amigo — o comerciante pareceu conclusivo.

Os dois fizeram breve silêncio, como se encerrassem um acordo tácito. Num rápido balanço, ficava evidente que a visita de Viriato, como nas outras vezes, foi para lembrar ao fazendeiro que em seus livros existia uma dívida a ser paga, e a próxima colheita seria a melhor moeda para isso. A cotação do café atingia os melhores preços no mercado estrangeiro, o que de um lado compensaria, com o advento da Lei Eusébio, a supervalorização dos escravos que ainda se conseguia contrabandear. Nas contas de Viriato ficaria elas por elas: os milhares de sacas de café, que em breve abarrotariam seu armazém em Vila dos Prados, seriam uma boa paga pelas poucas centenas de cabeças de boçais já fornecidas aos fazendeiros da região. “Um preço justo”, mentalmente arremataria ele no final do acerto de contas.

— Mas o que me moveu até aqui foi um motivo pessoal, e por que não dizer muito especial. O meu filho Diogo me fez portador de uma proposta sua. É intenção dele esposar a sua filha Cecília, evidentemente se o senhor e a dona Isaltina lhe derem o pleno consentimento.

Narcisa havia surgido na porta que comunica o salão da casa grande com a varanda. Ficou por instantes num respeitoso silêncio, interessando-se também em ouvir um tantinho daquela conversa entre os dois senhores. Tão logo o fazendeiro percebeu a figura da negra, fez um gesto indagativo para ela, cobrando-lhe a fala.

— Com vossa permissão, sinhô... o café está servido.

O fazendeiro fez novo gesto, desta feita para dispensar a negra, e logo voltou sua atenção para o comerciante, ao mesmo tempo em que se movia da espreguiçadeira.





— Vamos ao café, senhor Viriato. Será um bom acompanhamento para esse assunto — ergueu-se presto da cadeira.

O fazendeiro e o comerciante passaram para o salão da casa grande, cujo mobiliário simples e um tanto rústico predominava no ambiente. Apenas um ou outro objeto de adorno se destacavam como produtos importados da Europa. Daí podia-se inferir que aquela peça fora arranjada, visando propriamente à funcionalidade que rege uma casa de fazendeiro em detrimento do requinte e da ostentação encontrados nos finos ambientes dos solares na Corte. O delicioso aroma do café impregnava o salão. Sobre a grande mesa no centro, fora colocada a bandeja com o bule fumegante e a cestinha de palha coberta de organza com delicados bordados, contendo uma fornada de sequilhos recém-preparados pelas negras; tudo feito sob a cuidadosa supervisão de dona Isaltina. O fazendeiro retomou o assunto enquanto se serviam de café.

— Então o moço Diogo tem interesse em se casar com a minha filha! — Olhou o amigo fazer um gesto afirmativo. — É um caso a pensar, senhor Viriato. Da minha parte não me oponho, mas quero primeiro conversar o assunto com a Isaltina. O senhor bem sabe, as mulheres sempre têm lá suas ponderações. E por outra, a permanência de Cecília por esses anos todos no internato tem sido coisa mais do gosto próprio dela. A moça se mostra cada vez mais determinada a se tornar uma religiosa. Não era a minha vontade que ela continuasse nesses estudos por tanto tempo. A bem da verdade não vejo grande serventia nisso de moça fazer estudos. Para cuidar do esposo e dos filhos nem é preciso saber leitura. Isso foi acerto lá da Isaltina com o padre Antônio, como o senhor soube na ocasião. Deixei isso na vontade deles porque tivemos uma filha mulher; se fosse um menino, ficaria por aqui mesmo. Bastava aprender as primeiras letras com a senhora Anaíde e já estaria de bom tamanho para tocar essa propriedade, em que um dia ele haveria de me suceder — o fazendeiro fez uma breve pausa, resignando suas reminiscências. — Bom... Mas assim não foi a vontade de Deus. De qualquer forma, tranquilize o moço Diogo. Diga para o seu filho que prometo o meu empenho para fazer a vontade dele.

— Estou certo de que meu filho ficará muito agradecido por vosso empenho.

Em seguida se obrigaram ao cerimonioso silêncio dos bons degustadores enquanto sorviam os primeiros goles da infusão. Depois passaram aos biscoitos, saboreando-os sob o mesmo e circunspeto ritual. Daí a instantes foram atraídos pelo súbito rumor vindo do terreiro. Foi Viriato quem teve a iniciativa de ir à janela. João Martins ficou na expectativa, retendo a xícara de café na mão, a meio caminho da boca.





— Pelo visto, o negro Damião não foi muito longe — disse o comerciante, contemplativo, sem desviar os olhos do terreiro. Demorou alguns segundos antes de voltar as vistas para o fazendeiro.

— Ele está chegando no terreiro, foi capturado por seus homens.

João Martins devolveu a xícara à bandeja e caminhou ligeiro até a janela. Ambos passaram a observar atentos as manobras no terreiro.

Damião chegava escoltado pelos tropeiros, com os pulsos amarrados e mantidos atrás das costas. Apresentava uma lesão na perna, o que o obrigava a um caminhar claudicante.

— Parece que o negro tem uma perna ferida — observou João Martins com certa apreensão.

Viriato apenas lhe fez um gesto de anuência, compenetrado que estava em assistir à movimentação no terreiro. O capataz Álvaro apareceu no terreiro, conversou rapidamente com um dos tropeiros e depois passou a dirigir ofensas e ameaças a Damião; sua voz chegava com clareza aos dois senhores. O fazendeiro deixou a janela num silêncio contrafeito e caminhou de volta para a sua xícara de café. O comerciante permaneceu ainda por um momento na janela, depois voltou para junto do amigo. João Martins, entre um gole e outro de café, não conseguia disfarçar sua contrariedade. A cerimoniosa degustação que há pouco se iniciara perdera por completo o sentido. Seu tom de voz agora revelava a indignação que tentava disfarçar.

— Era um bom negro esse Damião. Prestativo e despachado. Mas depois dessa atitude de fugir para o quilombo perdeu a minha inteira confiança.

Viriato se serviu de mais uma xícara de café, demonstrando até então um certo desinteresse pelas palavras do fazendeiro.

— Terei que dispor dele...

Súbito, o comerciante se viu atraído pelas considerações de seu interlocutor.

— ...Temo que o gesto dele possa tomar vulto entre os outros cativos — pronunciou o fazendeiro, convicto.

— O amigo está mesmo disposto a se desfazer do negro?

João Martins fez um gesto afirmativo.

— É a solução que vejo, senhor Viriato.

Viriato voltou ao café e propôs, de forma dissimulada, a aquisição do escravo, evitando, contudo, demonstrar grande interesse no negócio.

— Eu até compro esse negro, se o senhor vai mesmo dispor dele.

João Martins o olha de um modo investigativo. O comerciante confirma sua proposta, ainda que desdenhando o negócio.

— Posso experimentá-lo no serviço da forja. Talvez lá eu encontre alguma serventia nele.





— Esse negro não merece mais a nossa confiança, senhor Viriato — objetou o fazendeiro, fazendo um gesto negativo.

— O meu empenho é mais para ajudar o amigo a desfazer-se logo desse negro. Quem sabe, eu até consigo sossegá-lo da ideia de fugir novamente para aquele tal quilombo. Prometo-lhe alforria, em troca de sua obediência durante alguns anos de trabalho. É assim que vou dissuadindo os negros que trabalham para mim na forja.

João Martins se via tentado a fechar o negócio com o comerciante, embora considerasse improvável a adaptação do negro às tarefas da forja e até duvidasse de que a promessa da tal carta de alforria fosse suficiente para segurar o escravo em sua nova função. Mas isso já seria problema do negro com seu novo dono. Que ambos buscassem resolvê-lo quando distantes de sua propriedade. Naquele instante, importavam-lhe que o comerciante se mostrava interessado em adquiri-lo e que Damião não teria mais serventia para a sua propriedade, pois perdera a confiança nele.

— Pois bem, senhor Viriato, se o senhor acha mesmo que pode recuperar o negro com o trabalho na forja, podemos então fechar o negócio.

— E que preço o amigo pede por ele?

O fazendeiro cofiou lentamente a barba espessa enquanto fazia sua estimativa. Em seguida botou o preço no escravo e fez breve comentário justificando a quantia pedida.

— Esse é o valor de um escravo de minha estima, além de ser muito inteligente, o negro Damião.

— Avaliaria por menos, meu amigo — retruca o comerciante, com a astúcia do bom negociador. — Descontando o fato de ser um escravo fujão, que não deve mais prezar a confiança de seu próprio dono, somado a isso os riscos da má influência que ele poderá exercer perante os meus negros. Só me disponho a esse negócio em consideração à nossa perene amizade, principalmente agora, diante da possibilidade da união de nossas famílias pelos laços matrimoniais dos nossos filhos, se assim for da vontade do senhor e da dona Isaltina.

João Martins fez um gesto com a mão, já demonstrando sua renúncia ao escravo, disposto mesmo a se desfazer dele por qualquer bagatela. E Viriato, antes de experimentar outra golada do café, deixou escapar um disfarçado sorriso de satisfação por mais um bom negócio que fechava com o fazendeiro. De comum acordo também nos gestos silenciosos, os dois passaram a saborear o que restou de café em suas xícaras, indiferentes ao ruído intermitente, que chegava nítido até eles, das chibatadas desferidas contra o dorso do negro Damião lá no terreiro.





II

Encerrada a rodada de negócios, Viriato Tavares tratou de retornar à vila. Despediu-se do fazendeiro declinando do convite para acompanhá-lo no jantar; pretendia chegar a casa antes do anoitecer. Ficou ajustado que o negro Damião lhe seria entregue no dia seguinte na forja. O comerciante deixou a fazenda levando para o filho a boa perspectiva da realização de seu casamento com Cecília.

Narcisa e a criada Zefa se apressavam em colocar sobre a mesa as terrinas com ensopados e outros acompanhamentos para um jantar trivial, pois o senhor João logo retornaria do terreiro, onde se despedia de Viriato, e tudo tinha que ser servido ainda fumegante; exigência de sinhá Isaltina, ciente da preferência do marido pela comida recém-tirada do fogo. E ela mesma preparava o prato do esposo; conhecia suas preferências e a quantidade certa de servi-lo; sabia que ele não gostava de ver sobras no prato; “comida é coisa sagrada, não pode ter desperdício”, ouvia-o dizer sempre, diante da mesa posta. Ele tinha por hábito fazer uma breve oração, persignando-se, num gesto solene e grave. Este era um dos poucos momentos em que o fazendeiro externava a sua fé religiosa. Era o seu modo de agradecer ao Criador as dádivas que tirava das entranhas de suas terras. Também fazia questão que a esposa estivesse à mesa, de prato servido, para assim acompanhá-lo em seu rito de prece. Em seguida iniciavam a refeição, num dueto de silenciosos.

Desde a ida de Cecília para o internato, o casal passou a receber poucas visitas, de modo que, rotineiramente, apenas os dois ocupavam a mesa do jantar. Padre Antônio era ali o hóspede mais frequente; aparecia esporadicamente para os sacramentos e bênçãos ao povo da





fazenda Soledade. Sua estada sempre se prolongava por dois ou três dias, sobretudo atraído em sua gula pela boa e farta mesa da fazenda. A senhora Anaíde, que por muito tempo e dever do ofício foi presença assídua na casa, agora só em raras oportunidades ia ter com os pais de sua ex-aluna.

Após o jantar o casal entabulava uma conversa que, de ordinário, não se estendia por longo tempo. O fazendeiro sempre aludia ao serviço na lavoura ou a algum fato que merecesse comentário; normalmente era assunto envolvendo a escravaria. Da sua parte, Isaltina pouco contribuía para que a conversa se estendesse; sabendo que os assuntos domésticos, com os quais estava mais familiarizada, não despertaria nele grande interesse. Então, numa meia hora de prosa, ele se levantava da mesa e passava à varanda para pitar o último cigarro do dia, enquanto divagava as vistas e o próprio pensamento em torno daquilo que veio a ser a razão de sua luta, desde quando se propôs, junto com outros aventureiros, a desbravar aquelas terras e ali implantar a promissora cultura do café. Às vezes, conforme a importância do assunto, pedia à esposa que o acompanhasse até a varanda, querendo assim fugir aos “ouvidos das paredes” ou, mais apropriadamente, da bisbilhotice da criadagem. Lá, trocava opiniões com a esposa; ele gostava de ouvir suas ponderações quando diante de uma importante decisão a ser tomada.

Ao final do jantar daquela tarde, a conversa à mesa fugira às questões do cotidiano. O fazendeiro informou a esposa da proposta trazida pelo comerciante Viriato, da intenção do moço Diogo de se casar com Cecília.

Isaltina recebeu com surpresa a notícia, pois não contava mais com a possibilidade de ver Cecília casada. Há alguns anos até fazia planos para casar a filha, embora não pensasse em entregá-la a um pretendente comum, um desses moços brancos, filho de um fazendeiro qualquer daquele fim de mundo. Animara-se com a aptidão para os estudos demonstrada pela filha nas lições de alfabetização que recebia da preceptora Anaíde e, com o empenho de padre Antônio, tratou de convencer o marido a encaminhá-la a um internato de educação para moças, procedimento que se tornava habitual na ocasião. Seria o caminho que a filha haveria de trilhar para, no futuro, conseguir um bom pretendente. Assim pensava Isaltina, desejosa por ver um dia Cecília frequentando os salões da Corte, a travar relacionamento com os rapazes de bom berço e de boa cultura, até que um fidalgo demonstrasse interesse em esposá-la. E esse intento poderia ter seguido bom curso se Cecília corroborasse os sonhos da mãe. Contudo, desde o seu ingresso no internato, para a estranheza de todos, a menina passou a dar mostras de que ali entrava para não sair mais. De início, vivia arranjando subterfúgios para não ir à





casa dos pais durante as férias escolares; alegava sempre que usaria esse período para o seu aprofundamento nas disciplinas eclesiásticas, dando assim a entender que havia tomado gosto em seguir a carreira religiosa. Quando em suas visitas à filha, Isaltina sempre lhe lembrava as possibilidades de um futuro promissor, as festas nos iluminados salões da Corte, o bom casamento que ela haveria de arranjar; mas Cecília não se mostrava interessada em nada disso, preferia falar de seus estudos, das atividades voluntárias que passou a exercer no hospital da Irmandade, ajudando a cuidar de seus enfermos, e daí falava já com certa desenvoltura de seu desejo em se dedicar ao noviciado. Quando perguntada sobre sua irredutível determinação de não passar as férias na fazenda, Cecília rendia-se a um enigmático silêncio e depois dava a desculpa de estar muito envolvida com seus estudos. Isaltina bem que gostaria de acreditar na desculpa da filha, vendo-a deveras envolvida com seus estudos; porém, percebia algo através de seus olhos, seria um pânico indizível, queria asseverar; mas Isaltina acabava por relegar esta sua sensação, não encontrando justificativa para tal sentimento na filha.

Com o passar do tempo, Isaltina já andava conformada com a ideia da filha em seguir sua vocação. Cecília estaria assim cumprindo um desejo que, na verdade, havia sido seu na juventude. Isaltina então se lembrava de sua infância, do tempo em que fora criada em outras terras da província, onde o pai possuía uma pequena propriedade e tocava um engenho de cana-de-açúcar. A menina perdera a mãe muito cedo, sendo então criada sob a influência de uma tia muito devota, que lhe incutira gosto pelas rezas e adoração aos santos; daí lhe veio o sonho de um dia seguir a carreira religiosa. Porém, o pai preferiu que sua vida tomasse outro rumo. Em suas frequentes idas e vindas através do vale do rio Paraíba, onde mercadejava os produtos de seu engenho e de suas roças, conhecera um jovem desbravador de terras, promissor fazendeiro de café. Após o encontro dos dois, pouco tempo transcorreu até que João Martins esposasse sua única filha. Desde então a moça Isaltina, que tanto desejou tomar o hábito, teve que se contentar em fazer da recém-construída fazenda Soledade o seu verdadeiro recolhimento. E nunca mais retornou ao engenho do pai, que tempos depois veio lhe fazer a derradeira visita, sem ter tido a oportunidade de conhecer a única neta. Durante todos esses anos de seu casamento, sua maior alegria foi ter levado a termo a gestação de Cecília, depois das muitas tentativas frustradas em gerar um herdeiro, um filho homem, que viesse a dar continuidade à saga iniciada pelo esposo. Embora no lugar de um almejado varão tivesse vingado uma menina, esse nascimento veio sobretudo reavivar as esperanças do casal de que dali em diante outras gestações seriam abençoadas. Todavia os anos se passaram sem que





Isaltina conseguisse outra gravidez. João Martins pareceu resignado com tal sorte, ao mesmo tempo em que deixava nas mãos da esposa a criação da menina e os planos de fazê-la uma moça bem casada. Como visto, Isaltina deixou em definitivo os planos casamenteiros que fizera para a filha e agora andava orgulhosa em observá-la avançando em seus estudos, já contando que em breve ela fizesse os votos de noviciado. Era a sua expectativa, até aquele instante, quando o marido lhe veio com a notícia.

— É desejo do moço Diogo que o casamento não demore, adiantou-me o senhor Viriato — João Martins deu ênfase à frase, deixando a entender que da sua parte não haveria óbice à proposta do rapaz. Contudo, já esperava que a esposa fizesse alguma objeção; afinal, sabia de sua aquiescência à vontade da filha em seguir a carreira religiosa.

— Cecília não vai gostar muito da ideia de deixar os estudos para casar com o moço Diogo.

— Vai ser muito bom para nossa filha, Isaltina. Diogo é homem correto e esforçado. Segue os passos do pai, ajuda na sua fortuna. Será bom esposo para a nossa filha. Terei um bom parceiro a me ajudar nessa empresa.

Isaltina não dava mostras de seu convencimento ante os argumentos do marido. Era-lhe difícil vislumbrar sua filha entrando na igreja para ser esposada pelo moço Diogo. Não que tivesse algo contra a índole do rapaz. Preocupava-lhe sobretudo a reação de Cecília à ideia de seu casamento, fosse com quem fosse.

— É melhor conversar com ela primeiro, João. Falar da intenção do moço Diogo e deixar que ela decida o que fazer.

— Ora, Isaltina! Sabe lá Cecília o que é bom para ela? Basta-lhe nos ser obediente e já será o melhor para ela.

O fazendeiro falava de um modo que já demonstrava sua contrariedade com as ponderações da esposa. Em seguida ficou investigando que tipo de reação lhe viria dela. No entanto, Isaltina permaneceu inerte e silenciosa, restando-lhe o respeito à vontade expressa do marido. Buscava então imaginar como Cecília receberia a notícia de seu casamento com o moço Diogo. Que reação ela teria quando soubesse que deveria abandonar seus estudos, vendo frustrar o seu sonho de ingressar na carreira de religiosa devido a essa súbita proposta de casamento.

— Lá nesse tal internato a nossa filha não teria nenhum futuro senão passar o resto de sua vida em orações — retrucou João Martins, como se lesse o pensamento de Isaltina. — E essa coisa de moça estudar não lhe ajudaria muito na vida aqui fora. Pra cuidar do esposo e dos filhos e mandar na criadagem nem é preciso saber ler. Isto basta ao homem..





Isaltina agora apenas movia a cabeça, num gesto de aquiescência às palavras do marido. Deduzia que ele não viera lhe pedir a sua opinião, como era o seu costume quando julgava o assunto muito importante. Ao contrário, dava-lhe clara mostra de que trazia sua decisão pronta sobre o casamento da filha, dando a entender ser coisa já acertada com o pai do rapaz.

— E quando vai mandar trazer Cecília do internato?

— Penso em fazer isso o quanto antes. Primeiro devia lhe dar ciência da proposta do moço Diogo.

Isaltina se deu por informada e fez um gesto silencioso confirmando isso. João Martins sentiu-se mais à vontade para avançar o assunto.

— Já podemos ir então adiantando alguma coisa até que tudo seja acertado.

A esposa, mesmo não demonstrando o necessário entusiasmo com a notícia, preferiu adiantar-se nas questões práticas que o assunto exigia.

— Então temos que ir pensando na preparação do enxoval para a nossa filha.

— É bom pensarmos em tudo com antecedência, Isaltina. Nossa filha merece um belo casamento. Que não lhe falte nada.

— Vou mandar recado para a dona Adélia, ela conhece boas costureiras na Corte. Devemos acomodá-las aqui enquanto preparam tudo.

Narcisa concluiu o trabalho de retirar a mesa do jantar e logo trouxe o café. Como de hábito, Isaltina se absteve da bebida. Apreciava muito tomá-lo somente pela manhã; momento em que, dizia, encontrava o seu legítimo sabor. Dispensou também a compota de figo que a negra colocou sobre a mesa. Enquanto João Martins se servia, ela desviou os olhos para a toalha e, absorta, deixava que a ponta do dedo indicador delineasse de modo autônomo as figuras do bordado. Tinha o pensamento na filha.

O silêncio entre eles durou até último gole de café da xícara do fazendeiro. Isaltina então retomou o assunto, ainda com o olhar fixo no bordado.

— Teremos que providenciar muita coisa. Devemos aprontar uma lista com tudo que vamos precisar — ergueu o rosto na direção dele. — Depois vosmecê manda trazer tudo lá da Corte.

— Pois faça a lista do que vai precisar. Encarregarei o senhor Álvaro das compras. Quando ele for buscar a nossa filha na Irmandade, ele passa antes na Corte e traz o que for mais urgente. Mando mais gente com ele, se for preciso — o fazendeiro experimentava uma breve expressão de euforia, já tendo em mente a dimensão da fes-





ta que deveria oferecer. — Vamos convidar todos os nossos amigos da região, até os parentes que raramente nos visitam. É capaz de o senhor Viriato trazer gente importante da Corte e da capital da província para o casamento — suas palavras já dão azo à empolgação. — Faremos uma festa e tanto, Isaltina!

A esposa acabou sendo um pouco contagiada pela euforia do marido e, esboçando um ainda tímido sorriso, permitiu-se uma excepcional xícara de café para aquele momento. João Martins buscou dividir sua empolgação com a esposa acompanhando-a em mais uma xícara da bebida.

A horta que provia a casa grande ficava a meio caminho da senzala. Com o pretexto de ir colher algumas verduras para o almoço, Narcisa desviou-se de seu caminho e foi às pressas até o galpão da senzala, onde algumas negras estavam envolvidas em preparar a refeição dos escravos. A lenha seca ardia sob os enormes e fumegantes caldeirões, potencializando o calor do ambiente. As negras suspenderam seus afazeres ao perceber a aproximação da criada da casa grande. Antes de adentrar o galpão, Narcisa foi levando consigo, puxando pelo braço, uma negra que se plantara em seu caminho. Ela parou à entrada da peça e com a respiração ofegante chamou as outras escravas.

— Delina, Tonha! Ajunta aqui pra mode eu falá pro'cês tudo duma vez.

As negras foram se achegando curiosas, sem demonstrarem tanto receio com a inopinada visita, pois liam na expressão de Narcisa que ela lhes trazia boas novas da casa grande.

— Ocês precisa sabê. O sinhô João falô, ontem na janta, que vai mandá vortá a sinhazinha aqui pra fazenda.

As negras trocaram olhares de surpresa, enquanto confirmavam umas nas outras a espontânea e imediata reação de contentamento. Deixaram então escapar em uníssono a mesma frase.

— Sinhazinha Cecília vem de vorta!?

Narcisa ratificou com um gesto a exclamação das negras e completou sua notícia; porém, sem o mesmo entusiasmo de quando ali chegara.

— Ela vem pra casá com o sinhô Diogo, o filho do sinhô Viriato.

As negras transformaram seu semblante, deixando escapar uma ponta de decepção pela segunda revelação de Narcisa. Um breve silêncio se fez entre as negras. Talvez tentassem conciliar em seu íntimo a parte boa com a parte má da notícia. A negra Delina se ocupou do aspecto positivo da notícia.





— Bom, pelo menos a sinhazinha tá de vorta pra cá. Ela que gosta tanto de nós! E pra quando ela vem, Narcisa.

— Inda num sei, mas num deve de demorá muito, não. Sinhá Isaltina já prepara lista do enxoval e vai mandá chamá as costureira da Corte. Sinhazinha nem deve de ficá muito tempo aqui com nós. Dispos de casá ela vai pra fazenda do sinhô Diogo — a negra se torna reticente.

— Eu num acho que vai ser bom pra ela, não. Sinhazinha num deve de gostá muito de vim pra casá com ele. Sinhô Diogo é pessoa marvada e sinhazinha num gostava dele. Antes mesmo de ir imbroa pros estudo, ela intê evitava de topá com ele, quando o moço Diogo vinha aqui de visita com o sinhô seu pai.

As negras ficaram num silêncio reflexivo. Cada qual avaliando a situação de acordo com o seu entendimento. Narcisa buscou palavras mais alentadoras para lhes devolver o ânimo.

— Vai vê que com sinhazinha o tratamento dele vai sê diferente. Ela é pessoa tão bondosa. O sinhô Diogo deve de gostá muito de sinhazinha e vai cuidá bem dela.

— Sei não. Só gostei da parte de sinhazinha vortá pra nós. Já do casamento com o sinhô Diogo, num gostei — Tonha se lembra dos caldeirões no fogo e volta ligeiro para o fogão.

Delina e a outra negra permaneceram junto à novidadeira Narcisa, mais interessadas no assunto que na rotina monótona da senzala. Delina recobrou seu contentamento ao avivar na memória os tempos em que a menina Cecília reinava solta pelo terreiro da fazenda, sempre acompanhada do negrinho Damião. “Era uma alegria pra gente vê o apego dos dois”, concluía em sua breve imaginação.

— Mas será que sinhazinha inda lembra de nós, Narcisa?

— Deve de alembrear sim, Delina. O coração de sinhazinha num esqueceu de nós, não.

— E o Damião, Narcisa!? Ele ia gostá muito de sabê que sinhazinha tá de vorta. Mas inda agorinha foi levado lá pra forja do sinhô Viriato. Foi o castigo que o sinhô João achô de dá pra ele.

— É mesmo. Coitado do nego! Era dele que sinhazinha mais gostava. Mas depois do que fez, nem sei se ela vai continuá gostando dele... Nem vai vê o casamento de sinhazinha. É até bom ele num vê sua amiga casá com aquele marvado. — Narcisa olhou para o terreiro, lembrando que saíra para colher verduras na horta. Tá na hora d’eu vortá, gente.

A negra saiu com a mesma pressa com que ali entrara, deixando com as companheiras a missão de propagar a novidade entre os demais escravos.





III

Vila dos Prados largava no passado o seu aspecto de mero povoado para, aos poucos, ir consolidando o perfil de próspera vila; e já se corriam por ali os primeiros rumores de que não tardaria a sua emancipação como município. As construções, embora despojadas de arcos arquitetônicos, iam se multiplicando, fazendo estender suas antigas ruas e criando novas transversais. No cruzamento das duas principais ruas, abria-se um grande largo circular, onde primeiro ergueu-se a simplória igreja, de estilo mal definido entre o gótico e o barroco, com duas pequenas torres, cada qual tendendo para um daqueles dois estilos arquitetônicos; depois vieram outros prédios: a cadeia pública; o armazém de café, ladeado por uma forja, ambos do comerciante Viriato Tavares; e a botica do médico Presciliano Bastos. No centro do largo havia um cruzeiro. Em volta dele se formou uma espécie de estação de carroças, responsáveis pelo transporte das sacas de café das fazendas para o armazém de Viriato, ou dali para os centros compradores do produto. Por se tornar o ponto de confluência das duas ruas principais da vila, o largo tinha sempre boa movimentação de pedestres, tropeiros, pequenos e grandes veículos puxados por escravos e animais, respectivamente.

Foi em meio a esse trânsito que dois tropeiros alcançaram o largo escoltando Damião. O negro vinha manquejando. Sua expressão de cansaço denunciava ter feito uma longa caminhada até chegar ali. Ele tinha as mãos imobilizadas por uma corda que também o mantinha preso à sela de um dos cavalos. A rotina de transportar escravos sob tais

